

“O BOXE É BRIGA, TIA!”: RELATO DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DOS ESPORTES OLÍMPICOS

‘BOXE IS FIGHT, TEACHER!’: A REPORT OF A PEDAGOGICAL PRACTICE IN OLYMPICAL SPORTS CONTEXT

NETA, Abília AnaCastro¹; BOA SORTE, Drieli Fernandes¹; SANTOS, Joice Tainá de Jesus¹; CRUZ, Marlon Messias Santana²

¹Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física. Universidade do Estado da Bahia - Guanambi/BA. Bolsista de Iniciação à Docência - PIBID - UNEB - CAPES

²Mestrando em Educação e Contemporaneidade pela UNEB. Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia - Guanambi/BA. Coordenador de Área PIBID - UNEB - CAPES

RESUMO

Este relato de experiência tem a intenção de abordar elementos de uma prática pedagógica desenvolvida pelas no âmbito de uma escola pública situada no município de Guanambi-Bahia, na condição de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus XII. As aulas que resultaram na elaboração deste relato de experiência ocorreram no período de março a novembro de 2016, com alunos do 2º Ano do ensino fundamental I. A sistematização e análise dos resultados desta experiência foram feitas por meio de registros realizados cotidianamente pelas bolsistas de iniciação à docência. As discussões foram interpretadas com respaldos teóricos dos Estudos Culturais e do Multiculturalismo Crítico. Portanto, o objetivo deste estudo é notificar a prática pedagógica das bolsistas de iniciação à docência, na aula de Educação Física, tendo como diretriz a temática esportes olímpicos com a tematização dos megaeventos esportivos, logo após com o boxe, um dos elementos culturais problematizado e vivenciado na respectiva turma. O currículo multiculturalmente orientado expõe e confronta sentimentos e desejos, desestabiliza o acomodado e rompe com as certezas. Possibilitando a todos os envolvidos a analisar as representações sociais que regem o espaço escolar e as próprias identidades, sejam elas no currículo ou até mesmo pessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar; Currículo Cultural; PIBID.

ABSTRACT

This experience report intends to address elements of a pedagogical practice developed by the public school located in the municipality of Guanambi-Bahia, in the condition of scholarship holders of the Institutional Program of Initiation to Teaching (PIBID), linked to the course of Physical Education of the State University of Bahia (UNEB) / Campus XII. The classes that resulted in the elaboration of this experience report occurred in the period from March to November of 2016, with students of the 2nd Year of elementary school I. The systematization and analysis of the results of this experiment were made through daily registrations by the scholarship holders of teaching initiation. The discussions were interpreted with theoretical support of Cultural Studies and Critical Multiculturalism. Therefore, the objective of this study is to notify the pedagogical practice of scholarship recipients in Physical Education class, having as a guideline the theme of Olympic sports with the theme of sport mega events, shortly after with boxing, one of the problematized cultural elements and lived in the respective class. The multiculturalally oriented curriculum exposes and confronts feelings and desires, destabilizes the accommodated and breaks with certainties. Enabling all involved to analyze the social representations that govern the school space and the identities themselves, be they in the curriculum or even personal.

Keywords: Physical School Education; Cultural Curriculum; PIBID.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar e elementos de uma prática pedagógica desenvolvida no âmbito de uma escola pública situada no município de Guanambi-Bahia. A prática foi desenvolvida com respaldo no currículo Cultural da Educação Física na esfera do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) /Campus XII. O PIBID é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que tem como propósito incentivar a iniciação à docência, enriquecendo a formação de docentes em nível superior a fim de proporcionar a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira.

Por intermédio do curso de licenciatura em Educação Física e do programa PIBID desenvolve-se o subprojeto “Educação Física escolar: construindo possibilidades pedagógicas a partir de uma perspectiva cultural”, cujo objetivo é legitimar a Educação Física Escolar por meio dos respaldos teóricos dos estudos culturais e do multiculturalismo crítico, com o intuito de valorizar e reconhecer a diversidade, proporcionando um estudo crítico da realidade. O subprojeto supracitado é desenvolvido através de atividades que dão suportes ao desenvolvimento das práticas pedagógicas nas escolas parceiras, a saber: a docência compartilhada, as reuniões semanais de avaliação e planejamento das práticas pedagógicas, e o grupo de estudos (OLIVEIRA e CRUZ, 2016).

Portanto, O objetivo deste estudo é notificar a prática pedagógica das bolsistas de iniciação à docência, na aula de Educação Física, apresentando como diretriz a temática esportes olímpicos com a tematização dos megaeventos olímpicos, logo após com o boxe, um dos elementos culturais problematizado e vivenciado na respectiva turma.

As aulas que resultaram na elaboração deste relato de experiência ocorreram no período de março a novembro de 2016, com alunos do 2º Ano do ensino fundamental I. A temática estudada nesse período letivo foram os esportes olímpicos.

Segundo Cavalcante e Lima (2012, p. 96), “o relato de experiência é uma ferramenta de pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade cien-

tífica”. Trata-se de um olhar qualitativo, que abordou a problemática desenhada a partir de métodos descritivos e observacionais.

DESENVOLVIMENTO

O Currículo Cultural da Educação Física baseia-se nas teorizações pós - críticas de Currículo, a procura de estabelecer princípios democráticos, uma sociedade mais justa e igualitária no ambiente escolar. Na escola, a perspectiva Cultural (NEIRA; NUNES, 2008; 2009; NEIRA, 2011), respaldada nos Estudos Culturais e no multiculturalismo crítico, admite que a mesma, enquanto um estabelecimento de ensino, é definida pela convergência de diferentes culturas e, a partir disso, procura potencializar as vozes dos alunos, valorizando a experiência cultural desses cidadãos em processo de aprendizado, a fim de legitimar no currículo as práticas corporais dos diversos grupos sociais. Para essa perspectiva, também chamada de currículo cultural, “[...] os grupos sociais definem-se por meio de múltiplas dimensões (classe, raça, etnia, gênero, idade, profissão, religião, gostos e preferências diversas etc.), afirmando sua identidade e representação” (NEIRA, 2011, p. 37).

Assim, a sociedade atual é marcada pela presença de diferentes culturas, configuradas por identidades múltiplas que se relacionam, confrontam-se, reformulam-se, afirmam-se e se hibridizam a todo instante (HALL, 1992). A construção das identidades é um processo que envolve, necessariamente, relações de poder, pelas quais se produzem as definições acerca do que se deve e do que não se deve ser - acerca da identidade e da diferença -, sendo o currículo uma das instâncias que atuam nesse processo (SILVA, 2008; 2011).

O currículo da escola adquire uma responsabilidade ainda maior se compreendida nos aspectos da perspectiva cultural, a mesma se vê responsável em reconhecer as diferenças culturais e potencializar as vozes das culturas marginalizadas.

No que concerne a esta diversidade:

[...] as diferenças culturais se expressam também pelos textos produzidos pelas manifestações da cultura corporal. Comumente, o repertório de gestos e práticas corporais cultivados nas comunidades populares é desvalorizado pelos currículos hegemônicos. Tal quadro ocasiona descompasso, afastamento e resistência por parte dos alunos, ou fixação distorcida de signos de classe, etnia e gênero, presentes nas brincadeiras, danças, lutas, ginásticas e esportes

tradicionalmente privilegiados na escola (NEIRA, 2011, p. 6).

a sociedade e eleger, a partir dele, as manifestações que serão estudadas.

O Currículo Cultural da Educação Física baseia-se nas teorizações pós-críticas e principalmente nos respaldos teóricos Estudos Culturais e o Multiculturalismo Crítico. Nesta perspectiva, Neira (2010, p. 12) salienta:

Os Estudos Culturais ensinam que o currículo não é um instrumento meramente técnico, neutro ou desvinculado da construção social. Enquanto projeto político que forma novas gerações, o currículo é pensado para garantir a organização, controle, eficiência e regulação da sociedade. Como componente pedagógico, define: formas e organiza conteúdos; os conhecimentos que se ensinam e se aprendem; as experiências desejadas para os estudantes etc. Dado seu teor regulatório, o currículo constitui estratégia de política cultural, pois interfere na produção de representações e identidades.

Quando o currículo coloca em discussão a exclusividade da presença dos saberes provindo das culturas dominantes, e busca legitimar, os saberes que constituem as culturas subordinadas, ocorre a sua descolonização e, consequentemente, a própria Justiça Curricular.

Quando se articulam a descolonização e a justiça, o Currículo Cultural da Educação Física trata com a mesma dignidade tanto as experiências relacionadas ao futebol, voleibol, basquetebol, futebol americano, ginástica rítmica, rúgbi e balé, ou seja, práticas corporais europeias/norte-americanas, brancas e oriundas da elite econômica, como as provenientes de outros povos e segmentos sociais: capoeira, hip-hop, queimada, yoga, judô, lutas, modalidades ciclísticas, skate, brincadeiras, danças eletrônicas, e uma infinidade de manifestações culturais que caracterizam os grupos sócias que frequentam a escola (NEIRA, 2011, p.81).

No multiculturalismo crítico:

[...] a diferença, mais do que tolerada ou respeitada, é colocada permanentemente em questão. Embora o multiculturalismo crítico opere com base nas categorias centrais de classe, etnia e gênero, ele atua em prol de todos os grupos subordinados (por faixa etária, por local de moradia, por região geográfica, por oportunidades de escolarização, por posição social, por ocupação profissional e tantas outras esferas desprovidas de poder) (NEIRA, 2008, p. 4).

No princípio da Ancoragem Social dos conhecimentos, o currículo amplia a possibilidade de compreensão e posicionamento crítico no que se refere ao contexto social, histórico e político de produção e reprodução das manifestações corporais. “A ancoragem social ajuda a desconstruir as representações provocadas pelas informações distorcidas ou fantasiosas presentes no âmbito social e reconhecer uma nova visão sobre os saberes corporais disponíveis [...]” (NEIRA, 2011, p. 96).

Esses campos teóricos não têm a intenção de apresentar uma forma definitiva, única e preterentemente verdadeira para explicar a realidade, que é questionada e contestada, sem que, no entanto, se apontem soluções salvacionistas. O currículo, pensado a partir dessa teorização, não assume tarefas pautadas em ideias regulatórias; ao contrário, procura entender e problematizar a cultura, assim como as subjetivações que ela promove por meio do conhecimento e das práticas escolares (NEIRA, 2015).

Este relato de experiência tem a intenção de apresentar elementos de uma prática pedagógica, desenvolvida no âmbito de uma escola pública situada no município de Guanambi-Bahia, na condição de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus XII. As aulas que resultaram na elaboração deste relato de experiência ocorreram no período de março a novembro de 2016, com alunos do 2º Ano do ensino fundamental I.

A perspectiva cultural da Educação Física baseia-se nos seguintes princípios: Justiça Curricular, Descolonização do Currículo e Ancoragem Social dos conhecimentos. Segundo Connell (1993) apud Neira (2010, p. 7):

A prática pedagógica que constitui este relato de experiência foi orientada pelo currículo cultural da Educação Física. Segundo Macedo (2010, p.68), “a abordagem cultural da Educação Física não é um método, não oferece uma receita a ser seguida”. Desta forma, Neira (2011) nos apresenta possibilidades de intervenção pedagógica, externando a flexibilidade da perspectiva cultural. Assim, realizamos inicialmente o processo denominado de mapeamento,

Dada à variedade de grupos culturais que compõem a sociedade contemporânea, para promover uma trajetória formativa democrática, temos [...] que instaurar a justiça curricular. Reconhecendo o valor de todas as identidades, o currículo cultural da Educação Física deve atentar à distribuição equilibrada de diversas manifestações culturais corporais. Para fazer dialogar a multiplicidade, convém reconhecer o patrimônio cultural corporal dos grupos que constituem

com o propósito de conhecer melhor as experiências dos alunos em relação às suas práticas corporais vivenciadas no entorno da sociedade, para que assim possamos adquirir informações da sua cultura e obtê-las em prol do desenvolvimento das aulas.

Segundo Neira (2011, p.107):

Mapear quer dizer identificar quais manifestações corporais estão disponíveis aos alunos, bem como aquelas que, mesmo não compondo suas vivências, encontram-se no entorno da escola ou no universo cultural mais amplo. Mapear também significa levantar os conhecimentos que os alunos possuem sobre uma determinada prática corporal. Não há um padrão ou roteiro obrigatório a ser seguido, durante o mapeamento, os professores empreendem variadas atividades.

É importante advertir, nossa prática pedagógica baseou-se inicialmente com conteúdo dos esportes olímpicos, em função das olimpíadas decorrentes no momento.

Em sequência iniciamos a mediação com o conteúdo boxe, baseado no processo de tematização. Onde primeiramente discutimos a diferença de luta e briga, a marginalização do mesmo, quem pode praticar, qual espaço o esporte é praticado com possíveis outros, quais os procedimentos, equipamentos envolvidos e as regras. Realizamos problematizações acerca dos marcadores sociais e uma reflexão em torno da historicidade e a gênese do boxe.

Para Macedo (2010, p. 69), na tematização:

[...] são elaboradas atividades de ensino que visam elucidar quais os significados dessas manifestações para o grupo praticante, interpretá-las no contexto escolar, ressignificá-las segundo as características dos alunos, aprofundar os conhecimentos inicialmente disponíveis e promover um diálogo com outras fontes.

Por meio das apresentações, interpretações e discussões, oferecemos aos alunos possibilidades de repensarmos os significados das práticas de caráter próprio do esporte, na condição de diferenciarmos as mesmas das suas práticas dos ambientes em que vivem, como a escola; o bairro e a sociedade como um todo. A partir dessa reflexão, propomos diferentes maneiras de vivenciarmos o boxe ludicamente aproximando o máximo com as regras oficiais, método esse denominado de ressignificação.

Na sequência lançamos mão do processo de aprofundamento e ampliação, no qual utilizamos todo o debate em torno da temática em foco, a fim de investigar minuciosamente os conhecimentos relatados e expor outros discursos

e fontes de informação diferentes dos acessados anteriormente.

Aprofundar, aqui, significa conhecer melhor a manifestação corporal, objeto de estudo, procurar desvelar aspectos que lhe pertencem, mas que não emergiram nas primeiras leituras e interpretações. [...] A elaboração de uma rede de conhecimentos acerca do tema estudado, procedimento fundamental para superação da visão sincrética inicial e construção de uma reflexão crítica, é o principal objetivo da ampliação (NEIRA, 2011, p. 135-138).

Os últimos instrumentos didáticos que o currículo cultural da Educação Física nos orienta para a nossa prática pedagógica são os registros e avaliação. Neira (2011, p.159) salienta que “no decorrer das atividades de ensino, as anotações das observações e análises do cotidiano das aulas possibilitam a reunião de informações necessárias para avaliação do trabalho pedagógico”.

A sistematização e análise dos resultados desta experiência foram feitas por meio de registros reflexivos (ou diário de bordo), realizados cotidianamente pelas bolsistas de iniciação à docência, em que manifestam suas conquistas e seus descontentamentos. Esses registros consistem numa das estratégias adotadas pelo subprojeto no intuito de enriquecimento, “Esses registros representam uma espécie de ‘diário’, em que os bolsistas efetuam uma escrita de si (HOLLY, 2007 apud OLIVEIRA e CRUZ, 2016), expondo e analisando seus desafios, seus anseios e suas aprendizagens” (OLIVEIRA e CRUZ, 2016 p. 296).

Soldati (2005, p. 15) afirma que o diário de bordo se apresenta como “uma ferramenta simples, ligeira e no campo da formação dos adultos ele é de fácil aplicação. Alguns afirmam que ele é adaptável em todos os espaços e a todas as observações”. Através desta técnica é possível descrever os problemas que surgiram durante o estudo, descrevendo as atividades desenvolvidas, comentários, reflexões e medidas utilizadas para superar os desafios e obstáculos encontrados.

Utilizamos também, para esta sistematização e análise, os materiais que nortearam o desenvolvimento das aulas, bem como os materiais usados para coleta de dados, a saber: gravações em vídeo, áudio e fotografias.

Iniciamos o desenvolvimento da prática pedagógica com a temática Esportes Olímpicos, problematizamos junto ao tema megaeventos esportivos e seus legados para a sociedade, as-

sim despertamos a necessidade de mediarmos o conteúdo Boxe.

Em nossas discussões procuramos mensurar os conhecimentos dos alunos a respeito desta prática corporal, para logo após expor e relaciona-los com as informações já estabelecidas, possibilitando um maior aprendizado em torno da temática em foco, na intenção de expandir os conhecimentos iniciais. Com o objetivo também de proporcionar as vivências relacionadas aos nossos estudos e abrir um espaço no intuito dos próprios alunos apresentarem novas formas de brincar.

A problematização parte de indagações, na tentativa de adquirirmos informações das suas experiências de vida, a fim de ampliarmos o debate em torno das questões que permeiam o esporte Boxe. Neira (2011, p. 136) enfatiza que “ampliar, [...] implica em recorrer a outros discursos e fontes de informação, preferivelmente, àqueles que trazem olhares diferentes e contraditórios com as representações e discursos acessados nos primeiros momentos.”

Nossos recursos visuais como slides, vídeos e fotos, nos deram maiores possibilidades de identificarmos discursos a respeito da prática corporal do Boxe. Dessa forma, estimulamos as crianças a relatarem seus saberes, refletirem sobre os mesmos, na intenção de possibilitarmos uma reflexão crítica. A partir dos discursos “O Boxe é briga, tia!” e “Luta é briga, tia!” dos alunos nas aulas anteriores dos megaeventos olímpicos, emanamos a necessidade de trabalharmos o referido esporte baseado no estudo de esclarecer a diferença de luta e briga.

Ampliar os saberes em torno dos questionamentos: Qual a diferença de luta e briga? O que é boxe? Quais os seus acessórios? Quem pode praticar? Quais as regras do esporte? O que não é permitido? Em qual espaço é praticado ou pode ser praticado? Baseadas no contexto de uma historicização crítica do objeto de estudo em questão.

Os momentos passaram a serem ocupados por demonstrações das ideias através de palavras e gestos das crianças, consistentes ainda nos discursos de que luta é briga e o Boxe é uma prática corporal violenta:

“Luta é briga, tia!” (Aluno A)
 “O Boxe é briga, tia!” (Aluno B)

Essa realidade social presente nos discursos dos alunos levou - nos a problematizarmos em torno de uma análise crítica, a marginalização

da luta em si e a própria categoria do Boxe, o entendimento da luta e do esporte estarem sendo forçados a ocupar as beiras ou as margens dos seus reais significados. Assim, vislumbramos uma possível desconstrução dessas representações.

Segundo Olivier (2000, p. 11):

Ao referir-se à violência, entende-a como: “[...] inerente às relações sociais”, e a concebe como “[...] modos de expressão e de comunicação”, que surgem em situações de conflito, de ameaças, de incerteza. O autor posiciona-se no sentido de que as atividades de luta na escola, sistematizadas e metodologicamente pensadas e conduzidas, servem como importantes elementos de estruturação motora, psico-afetiva e social, que ajudam “[...] a criança a gerir e a controlar a complexidade das relações violentas no interior do grupo social”.

As vivências foram realizadas através de brincadeiras com movimentos inerentes ao Boxe. Segundo Neira (2011, p. 123), “no que tange às vivências corporais multiculturalmente orientadas, sua característica distintiva com relação às demais propostas do componente é a prática acompanhada de leitura e interpretação”.

Inicialmente fizemos uso de cones e cordas, para demonstrar o ringue o local que se pratica o esporte, montando quatro ringues. Também utilizamos bolas, com a intenção de um aluno segurar o objeto e outro realizar os golpes de acordo as regras, assim a turma foi dividida em quatro grupos.

Logo após a nossa proposta, os alunos foram convidados a produzirem novas formas de vivenciar a prática em questão, a exemplo exploraram diferentes socos, em conformidade com as formas de regulação que ocorrem no âmbito das aulas, processo denominado de resignificação.

Para tematizarmos o conteúdo, nos debruçamos em estudos científicos, reportagens jornalísticas e vídeos, procurando diversificar as fontes discursivas acerca desse elemento da cultura corporal e buscando possibilidades para desconstruir as representações que os alunos reproduziam. Para dar continuidade ao processo de problematização das representações sobre as lutas, recorreremos a outros discursos, por meio do procedimento da ampliação:

Ampliar, por sua vez, implica em recorrer a outros discursos e fontes de informação, preferivelmente, àqueles que trazem olhares diferentes e contraditórios com as representações e discursos acessados nos primeiros momentos. [...] Dentre as diversas possibilidades, destacam-se as entrevistas ou conversas com pessoas com uma histó-

ria de vida marcada pela prática da manifestação (NEIRA, 2011, p. 135,138).

Corroborando com os apontamentos de Neira (2011), apresentamos aos alunos alguns discursos de boxeadores profissionais que desconstruíam uma imagem eminentemente violenta das lutas e, em especial, do boxe.

“As pessoas dizem que o boxe é um esporte violento... Mas eu digo que violento eu era antes do boxe!” (ROBSON CONCEIÇÃO - CAMPEÃO OLÍMPICO DE BOXE NAS OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO 2016).

Com o processo ensino/aprendizagem da ampliação, procuramos confrontar os conhecimentos culturais inicialmente disponíveis, com outros conhecimentos próprios da luta tematizada, estimulamos o contato com discursos diferentes e enriquecemos as leituras e interpretações realizadas, possibilitando um maior entendimento dos saberes comumente atribuídos à prática corporal do objeto de estudo.

Sobre os instrumentos de avaliação, realizamos uma avaliação final, onde foi avaliado todo o processo de ensino/aprendizagem. Pelos discursos dos alunos notamos uma ampliação da visão que possuíam acerca deste componente curricular. Ao serem indagados sobre a diferença existente entre luta e briga:

“Na luta uma pessoa respeita a outra, cumprimenta. Na briga não...” (Aluno C)
 “A briga machuca!” (Aluno D)
 “Na luta tem respeito, na briga não tem!” (Aluno E)

Questionamos sobre o que eles aprenderam com o boxe:

“O boxe é uma luta e não briga!” (Aluno F)
 “ Se machucar o outro será eliminado, não faz parte das regras! (Aluno G)
 “Os boxeadores usam luvas, capacete, roupa, o protetor bucal e a caneleira!” (Aluno H)

Indagamos qual a importância do boxe para a vida deles:

“Aprendi a trazer respeito para a minha vida!” (Aluno I)
 “Aprendi a ter obediência tia!” (Aluno J)
 “Aprendi o amor!” (Aluno L)
 “Aprendi a amizade tia!” (Aluno M)
 “Aprendi a ter mais educação, mais respeito!” (Aluno N)

Diante das narrativas presentes neste relato, procuramos confrontar os discursos iniciais

equivocados a respeito do esporte Boxe, visando uma investigação dos elementos formadores que deram uma roupagem violenta a luta. A partir dessas análises, procuramos confrontar esses discursos iniciais chamando-lhes a atenção para a diferença de luta e briga, questionando as origens de hierarquizações e classificações que recaem sobre essas possibilidades. Ao final, comparados com os discursos finais da avaliação, observamos uma possível desconstrução da imagem preconceituosa com relação às lutas e especialmente o boxe que os alunos tinham.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos dos conteúdos esportivos olímpicos sua problematização e também a tematização dos megaeventos esportivos em especial a mediação do boxe, nas representações sociais “Luta é briga, tia!”, “O Boxe é briga, tia!”, percebemos o quanto as lutas estão à margem do currículo escolar e o quanto são tratadas de forma marginalizadas se tratando do esporte da escola.

Se o fenômeno lutas aparece na escola, conforme Nascimento (2005), isso acontece pelas aberturas preconizadas por essa instituição para terceiros realizarem, em seu espaço, oficinas, voluntárias ou não, desvinculadas do componente curricular Educação Física e do projeto político-pedagógico da Escola. “No espaço de intervenção escolar, podemos afirmar que o tema/conteúdo de lutas é pouco acessado e, inclusive, o seu trato pedagógico suscita questionamentos e preocupações diversas por parte dos profissionais atuantes na Educação Física” (NASCIMENTO; ALMEIDA 2007).

O Currículo Cultural da Educação Física vem desestabilizar o currículo dominante, colocar sua própria identidade em questão, pois a partir do momento que o papel do mesmo é expor a cultura marginalizada dos grupos subjugados da sociedade, aceitar as culturas vivenciadas pelos alunos e potencializar as vozes, ele vem dizer que o ambiente escolar deve reconhecer e oferecer espaço para um debate do processo da constituição das identidades dos alunos.

Desse modo, nos debruçamos em estudos científicos, reportagens jornalísticas e vídeos, meios que a mídia nos oferece, quando nos vimos comprometidas em propor uma possível desconstrução da visão violenta que o referido esporte era visto pelos alunos e pelo currículo escolar, a final o próprio currículo é um reflexo

da visão equivocada dos alunos. Buscando assim, possibilidades para desconstruir as representações que os alunos reproduziam.

Cabe-nos refletir: Será que os significados que a mídia, o currículo da escola e os próprios alunos atribuem a luta Boxe e também as lutas em si, não estão carregadas por uma visão deturpada ou até mesmo contraditória? Pois, por meio de informações sistematizadas e ancoradas em um referencial sólido, foi compreensível à diferença de luta e briga, o que procuramos deixar claro a todo o instante para os alunos.

Nossa prática pedagógica também nos permitiu um conhecimento enriquecedor em torno do conteúdo, com uma relação de quebra de paradigmas em relação ao Boxe, nos possibilitando uma experiência no âmbito da docência e também o desejo de fazer parte do mundo da luta.

Por tudo isso, colocar em ação o currículo cultural da Educação Física significa abrir mão do estabelecimento de valores a partir de princípios conservadores e hegemônicos. O currículo multiculturamente orientado expõe e confronta sentimentos e desejos, desestabiliza o acomodado e rompe com as certezas. Possibilitando a todos os envolvidos analisar as representações sociais que regem o espaço escolar e as próprias identidades, sejam elas no currículo ou até mesmo pessoais.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE B.L.L.; LIMA U.T.S. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. *Journal of Nursing Health*, Pelotas (RS) 2012 jan/jun;1(2):94-103.

HALL, S. A. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

MACEDO, E. E. *Educação Física na Perspectiva Cultural: Análise de uma experiência na creche*. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

NASCIMENTO, P. R. B. *A capoeira no contexto da escola e da Educação Física*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUÍ, Ijuí, 2005.

NASCIMENTO, P. R. B.; ALMEIDA, L. *A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades*. Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007.

NEIRA, M. G. NUNES, M. L. F. *Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas*. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

NEIRA, M. G. *O currículo da Educação Física frente à diversidade cultural: Um estudo de caso*. 2008.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Educação Física, Currículo e Cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G. *Análises das representações dos professores sobre o currículo cultural da Educação Física*. Interface - Comunic., Saude, Educ., 2010.

NEIRA, Marcos Garcia. *Educação Física*. São Paulo: Blucher, 2011

NEIRA, M. G. O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 276 - 304, maio/ago. 2015.

OLIVEIRA, G. N. B.; CRUZ, M. M. S. Educação Física escolar: construindo possibilidades pedagógicas a partir de uma perspectiva cultural. In: SILVA, A. L. G.; FIGUEIREDO, C. S.; SALES, M. A.. (Org.). *Da iniciação à docência: ressignificando a prática docente*. Salvador: Eduneb, 2016

OLIVIER, J. C. *Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SOLDATI, M. *Capoeira: Prevention et médiation éducative auprès de jeunes en situation de risque au Brésil*. Genève: Université de Genève. Mémoire de licence. Septembre de 2005.